

Pais e escolas brigam, alunos sofrem

86
Convulsionada, escola particular enfrenta pais que não podem pagar e greves de professores

JOAQUIM DE CARVALHO

A escrevente paulista Isabel Blum está com um sério problema doméstico: seu filho mais velho, Moisés, de 13 anos, não quer ir à escola. Na segunda-feira, Isabel decidiu que não pagaria os 50% de reajuste da mensalidade proposta pela Escola Básica Sumaré, onde o menino e seus dois irmãos vinham estudando desde as primeiras séries, e decidiu buscar vagas na rede pública. Mas Moisés não aceita a decisão: "Não quero ir para a escola pública. Lá só tem ladrão e maconheiro".

Exageros à parte, a crise da família Blum é similar à de outras milhares de famílias, em todo o Brasil, que encontravam no ensino privado uma alternativa às condições tantas vezes precárias da rede de ensino oficial. Encontravam, mas já não encontram. Envolvidas em disputas salariais com seus professores, em atritos cada vez mais frequentes com os pais por causa das mensalidades, as escolas particulares mergulham, lentamente, numa situação de desarmonia e instabilidade que lembra em muito a *débacle* da rede pública.

Na semana passada, 40% das escolas particulares paulistanas pararam durante três dias. Os professores reivindicavam aumento salarial de 94% e prometem repetir o movimento na semana que vem, quando o dissídio da categoria for a julgamento. Em Belo Horizonte e em Porto Alegre, os professores estão em greve desde o início da

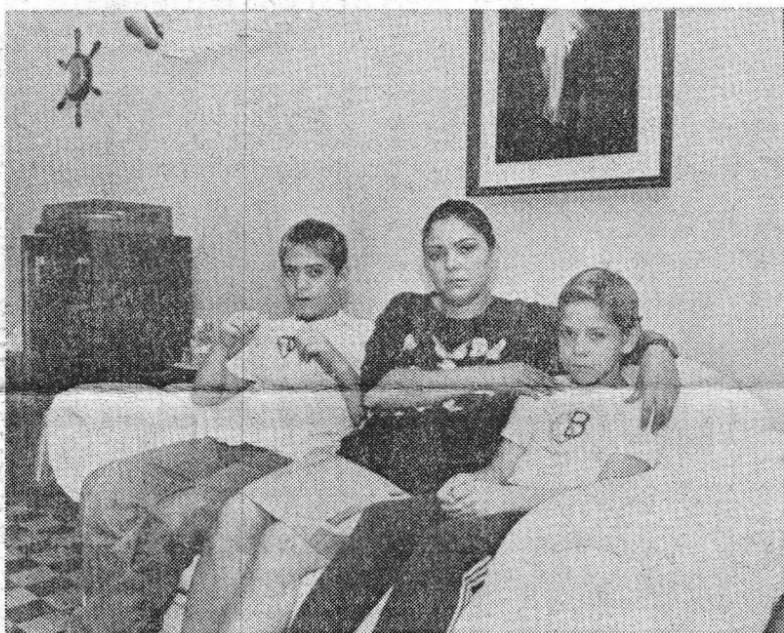
semana. Do lado dos proprietários das escolas, a Federação Nacional dos Estabelecimentos de Ensino ensaia, para 1º de Maio, o início de um locaute em busca de reajuste de 54,3% das mensalidades.

TIROTEIO

No meio desse tiroteio sindical, estão 11 milhões de alunos de 1º e 2º graus. São eles, a exemplo dos filhos do advogado paulista Luiz Marrey, que sofrem na pele as conseqüências perversas da crise do ensino particular. Há dois anos, Marrey denunciou a Escola Pequeno Mundo de Toledo, em Vila Mariana, por abuso no reajuste das mensalidades — e hoje Carlos Henrique e Marília, de 7 e 6 anos, estudam no Colégio Cristo Rei.

"Meus filhos foram pressionados com ameaças de expulsão e não agüentavam mais os comentários de professores contra a minha atitude", recorda o advogado. Marrey percebeu que era hora de mudar as crianças de escola numa tarde em que Carlos Henrique se aproximou dele e pediu: "Pára com essa briga, pai, senão eu não posso mais ir à escola".

Outro caso de "resposta" dirigida contra filhos de pais que protestam contra aumento ocorreu em Brasília e envolveu o professor Luís Cassimiro, funcionário do Senado que ganha o polpudo salário de NCz\$ 5 mil mensais. Presidente da Federação Nacional dos Pais de Alunos, ele viu seus dois filhos serem expulsos da Escola das Nações, durante uma campanha contra os reajustes de mensalidades acima do índice legal. "Hoje meus filhos estudam em escolas públicas, e eu e eles estamos satisfeitos", diz Cassimiro.



Marcelo Zocchio/AE

Isabel e seus meninos: ainda vestindo a camisa